

Germinál



N.º 17—ANO I

2 de Maio de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»— ELISEU RECLUS.

Publica-se nos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL.—EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avalso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Primeiro de Maio

Ao escrevermos estas linhas, não sabemos o que será o primeiro de maio deste ano; mas é de presumir que este dia decorra como tantos tem decorrido.

Mais um dia de festa para uma grande parte da população; e pelo caminho que as coisas tem tomado, não nos devemos admirar que daqui a alguns, poucos, anos o dia primeiro de maio tenha substituído por completo, neste país de livre-pensadores alegres e despreocupados, o famoso «dia da espiga», que, com a decadência dos costumes católicos, vai perdendo o character de dia de festa pagã, que o tornava algo interessante.

Actualmente ainda alguns renitentes á evolução das coisas pretendem fazer do primeiro de maio, um dia de afirmações revolucionárias, demolidoras da velha sociedade, falando em Justiça e direitos do proletariado; ainda se botam uns manifestos a convidar os trabalhadores para os comícios, onde os oradores se esforçam por entusiasmar a massa dos ouvintes, entre os quaes uma grande parte lamenta não ter ido com outros para as hortas passar a tarde alegremente. E, o que é peor, ainda se aproveita este dia para se fazerem conferencias, muitas conferencias, onde se prégue sabiamente, de copo d'agua ao lado, a melhor forma de acabar com esta sociedade de exploradores. As palavras dos conferentes são ouvidas com atenção e aplaudidas pela assembleia, composta de pessoas que ha muito tempo sabiam aquilo tudo e até ás vezes muito mais, emquanto que os outros, os que não sabiam nada daquilo, aquêles para quem a conferencia fôra afinal feita, estão no baile ou no animatógrafo,

dando á perna nas polkas ou rindo das facecias do Bigodinho... e a cem legoas das reivindicacões sociais.

E entretanto os burgueses esfregam as mãos de contentes, ao verificarem que o temível «primeiro de maio» se transformou completamente em seu favor, a ponto de já ser, em grande parte, um dia de feriado official. Mais um ou dois anos e será um «dia santo» republicano, com feriado para todos: burocratas, estudantes, operarios do Estado, etc.

Eis porque não deve haver meio termo no que respeita á celebração do primeiro de maio. Ou o operariado sente a força e o entusiasmo necessario para retomar a orientação que fazia com que este dia fosse pela burguesia encarado com desprazer, ou abandone-se de todo para se evitar o que é actualmente: protesto dum lado, festa do outro, de tudo resultando uma salada desenxabida.

A amnistia

A comissão pro-presos por questões sociais, tem-se occupado activamente da amnistia ultimamente concedida pelo governo, junto do presidente do ministerio e outros ministros, para a tornar extensiva aos presos por questões sociais.

Ha toda a esperança em que se consiga que esses presos sejam postos em liberdade, devendo-se decidir o caso em poucos dias, se não foi já decidido.

Se a antiguidade nos deixou classicos, isto é, espiritos cujos escritos brilham com imortal juventude atravez dos séculos, isso provem de que, entre eles, escrever livros não era uma questão de commercio.

Schopenhauer

Questão mal posta

Num artigo de Malatesta — o primeiro duma serie — publicado na *Aurora* (25-4-915) e intitulado *A nossa tarefa*, entre afirmações de ordem geral, ha as seguintes palavras, como argumento, a proposito de haver governantes mais despotas do que outros:

«Na pratica, para nós o pior governo é sempre aquêle sob o qual nos achamos, aquêle contra o qual mais directamente combatemos.»

Quando os cosacos da Italia assassinam os manifestantes, invocamos a revolta contra eles e contra o governo que eles servem; e não estamos a pensar que na Rússia, em circunstâncias semelhantes, teriam matado maior número de pessoas.»

Isto é verdadeiro mas não responde á pergunta, na qual se pode concretisar a questão: entre dois regimens governamentais, v. g. o italiano e o russo, qual se prefere?

E' claro que ás violencias dos governantes italianos se não responde pensando que na Russia pode ser ou é peor; mas esse não é o caso dos francezes, por exemplo.

Os alemães não estão só na Alemanha; estão em França, matando e devastando e sem olhar a governantes e a governados. Na pratica, para os francezes o peor governo agora, é o alemão. Se neste caso se applicasse a maneira de ver de Malatesta deviamos dizer:

«Quando os cossacos da Alemanha pilham e assassinam, não só manifestantes mas todos que se encontram no seu caminho, invocamos a revolta contra eles e contra o governo que eles servem, e não estamos a pensar que o governo francez já nos tem maltratado por todas as formas.»

E' claro que, nesta altura, o leitor que não concorda diz logo:

«Mas para isso temos que nos aliar com o governo francez e nesse caso não queremos fazer o jogo deste». E é por isso mesmo que, dizemos nós, nessas condições se fica de facto neutro, embora se afirme

que não, teoricamente, e se fica de facto na situação em que ficaríamos os que no exemplo de Malatesta, não se insurgissem ou não protestassem contra a violencia governamental, por haver peor, algures.

Como realizar o «entendimento»?

A proposito do artigo que no dia 11 do mez passado publicámos com o titulo *Agua mole...* escreve-nos um camarada, apoiando o que nêle diziamos e reforçando o seu modo de ver com as seguintes palavras:

«O momento é dos mais graves e o dia de amanhã apresenta varios sintomas, alguns dos quaes nos podem ser funestos, se nos não soubermos conduzir, se nos não entendermos hoje.

Que se impõe, pois? Segundo a minha humilde opinião, isto, mas já: reuniões aturadas onde todos nos vamos encontrar, como amigos, para a solução de um problema: a união dos chamados elementos avançados, riscando do quadro a interrogação lá escrita.»

Sabemos que ha mais camaradas que pensam da mesma forma que o camarada que nos escreveu. A ideia de reuniões ou de uma reunião anda muito generalisada. Ha conveniencia na sua realização?

E' preferivel que se faça uma reunião ou varias?

Essas reuniões devem ser para, como dizem certos camaradas, nelas se trocaram impressões sobre a situação em geral, ou devem nelas ser tratados assuntos especiaes, concretos?

Qual é mais conveniente: muita ou pouca gente nas reuniões?

Ahi ficam essas perguntas que a questão nos sugere e que podem constituir, parece-nos, elemento de estudo da situação para aquêles que pela questão do entendimento se interessem, de forma a que este ultimo seja realizado nas melhores condições possiveis.